

A REGRESSÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Gilmar Mendes Lourenço

Pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido) revela pronunciada regressão da indústria brasileira de média e elevada densidade tecnológica, na última década e meia, em direção oposta ao comportamento exibido pelas economias emergentes, caracterizado pelo aprofundamento da inovação, algo indispensável ao avanço de processos produtivos aderentes ao novo paradigma mundial, liderado pelo advento da quarta revolução industrial.

De fato, a contínua diminuição da contribuição daqueles segmentos para a formação da renda industrial do país, de cerca de 50,0%, constatado na primeira metade dos anos 1980, para aproximadamente 1/3 nos dias atuais, fez a participação da indústria nacional no produto mundial recuar de 3,0%, em 2000, para 2,0%, em 2017, segundo inferências do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Na mesma linha, o peso dos ramos de transformação no produto interno bruto (PIB) brasileiro declinou de 17,4%, em 2005, para 11,8%, em 2017. Ademais, cálculos efetuados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam que o país figuraria no 50º posto em produtividade do fator trabalho, em um painel de 68 países, atrás, por exemplo, da Argentina e Eslováquia.

Trata-se de distorções provocadas por estratégias macroeconômicas intervencionistas que proclamavam o funcionamento de um sistema econômico desprovido de fortes laços com o estado da arte na comunidade comercial, produtiva e tecnológica no front internacional e serviram para transformar grande parte das unidades industriais em simples montadoras de peças, partes e componentes importados ou autênticos depósitos de produtos finais fabricados fora das fronteiras do país.

Por isso se traduziram em apreciável perda de espaço concorrencial do setor fabril brasileiro em relação aquele sediado nas nações com grau de progresso semelhante, o que resultou, por extensão, no sacrifício de oportunidades de trabalho de maiores salários e de expressivos efeitos multiplicadores dinâmicos para frente e para trás.

Em outros termos, ao permanecer praticamente ausente do mapa da manufatura mundial e abdicar da presença em relevantes cadeias globais de valor, como as de computadores, fármacos e material de transporte, o complexo industrial nacional vem rumando a passos largos para a multiplicação da subordinação aos ditames tecnológicos exógenos.

O pior é que, em vez de integrar a pauta de ideias e propostas dos diferentes candidatos à presidência da república no ciclo eleitoral de 2018 - reescrita, aliás, ao sabor das manifestações emanadas da opinião pública -, tal assunto deu lugar à omissão ou restauração da tradicional agenda de preservação de interesses localizados, bancados por subsídios e vantagens fiscais e creditícias e outros agrados protecionistas.

Por essa ordem de problemas, caberá, ao presidente Bolsonaro - dotado de estoque de capital político diminuto, em face do clima de polarização e radicalização que envolveu o pleito – o encaminhamento ao congresso nacional de um grupo de reformas estruturais dirigidas prioritariamente à minimização do custo país e à oxigenação e maximização dos ganhos de eficiência da microeconomia, o que, por seu turno, oportunizaria a formação de uma atmosfera positiva para o curso dos negócios.

Dentre as mudanças essenciais sobressaem aquelas relacionadas aos aparatos tributário, fiscal, previdenciário, administrativo, patrimonial e bancário, imprescindíveis à recuperação da saúde financeira e do poder de inversão do setor público em infraestrutura física, educação e inovação tecnológica. Isso será otimizado pela celebração de parcerias entre governo e iniciativa privada, inclusive em atividades de pesquisa e desenvolvimento, em condições de estabilidade e transparência de regras e perseguição de obtenção de economias de escala.

Só assim será factível a ativação de mecanismos e instituições que facilitem a formulação e implementação de planos e programas que favoreçam a viabilização de um processo encorpado de revigoração da matriz industrial, impregnado de maior densidade tecnológica, antecedido por medidas de redução dos juros e depreciação cambial, em curto termo.

No entanto, em caso de persistência de posturas passivas, o Brasil estará condenado à acentuação do retardo tecnológico e preservação da eficiência dos fatores de produção limitada ao agronegócio, segmento marcado por perene e rápida prosperidade, em simultâneo à gradativa libertação das algemas governamentais.